

## **A FORMAÇÃO DE GRUPOS ESTRATÉGICOS NOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ORGANIZACIONAL**

**DANIELI ARTUZI PES BACKES**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO (UFMT)  
dani.backes@hotmail.com

**FERNANDO RIBEIRO SERRA**

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)  
fernandorserra@gmail.com

## **Introdução**

A dinâmica de mercado imposta pelos novos programas de pós-graduação *stricto sensu* de Administração pode ser analisada por uma abordagem muito eficiente na identificação de agrupamentos que usam as mesmas estratégias para garantir vantagem competitiva, os chamados Grupos Estratégicos (GE). Fiegenbaum, Sudharshan, & Thomas, (1987), afirmam que através da observação dos grupos estratégicos um pesquisador pode analisar a relação entre estratégia e desempenho de uma organização e compreender a razão pela qual algumas estratégias geram retornos positivos e outras não.

## **Problema de Pesquisa e Objetivo**

Para analisar o ambiente científico-acadêmico, onde também são considerados os papéis de provimento de conhecimento e progresso científico (Joghled, Enders & Salermo, 2008) foram determinados dois objetivos: o primeiro é verificar se há estratégia de aglomeração entre os cursos *stricto sensu* de Administração do Brasil e, o segundo objetivo, é analisar se existe relação entre a estrutura curricular e o desempenho do curso na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

## **Fundamentação Teórica**

A premissa básica da teoria é que o desempenho de uma organização pode não ser decorrente apenas de sua atuação individual, mas pode ser resultado da participação em grupos estratégicos. Thomas e Venkatraman (1987) afirmam que a participação em grupos estratégicos interfere no desempenho de uma organização. Dessa forma, supõem-se que os cursos de pós-graduação brasileiros, especialmente da área da Administração, sigam modelos similares, devido à forte influência americana adotada desde o início da fundação dos cursos (Santos & Azevedo, 2009), em 1970.

## **Metodologia**

O método adotado para tratamento dos dados foi o Escalonamento Multidimensional e os critérios de seleção dos cursos foram estabelecidos a partir da Avaliação Trienal da Capes 2013, selecionando apenas os cursos que apresentaram desempenho satisfatório, avaliados com as notas 4, 5, 6 e 7.

## **Análise dos Resultados**

Os resultados encontrados indicaram existência de agrupamentos, onde foi possível verificar a maior proximidade de alguns programas em torno dos mais bem avaliados. Entretanto, constatou-se que a estrutura curricular do curso não determina o seu sucesso, visto que a similaridade identificada nas estruturas dos componentes dos grupos estratégicos não homogeneiza de maneira simétrica seu desempenho, medido por meio da avaliação da Capes. Mesmo pertencendo a grupos distintos, verificou-se que somente alcançaram indicadores de excelência internacional alguns dos cursos mais tradicionais e antigos.

## **Conclusão**

Como principal contribuição do estudo, é preciso ressaltar que o ambiente competitivo disputado pelos programas *stricto sensu* de Administração não são permeados pela livre concorrência, mas são diretamente afetados pelas pressões institucionais de órgãos reguladores do sistema educacional brasileiro. Portanto, há nítida diferenciação entre as aglomerações em relação ao período de implantação do curso. Os cursos mais antigos tinham maior liberdade para estruturar seus currículos, ao passo que quanto mais jovem o curso, maior a necessidade de se diferenciar dos demais. Estes são alguns dos refle

## **Referências Bibliográficas**

Caves, R. E., & Porter, M. E. (1977). From Entry Barriers to Mobility Barriers: Conjectural Decisions and Contrived Deterrence to New Competition. *The Quarterly Journal of Economics*, 91(2), 241–261. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1885416>

Cool, K. O., & Schendel, D. (1987, setembro). Strategic Group Formation and Performance: The Case of the U.S. Pharmaceutical Industry, 1963-1982. *Management Science*, 33 (9), 1102–1124. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/2631877>

Santos, A. L. F., & Azevedo, J. M. L. (2009). A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a p

# A FORMAÇÃO DE GRUPOS ESTRATÉGICOS NOS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O DESEMPENHO ORGANIZACIONAL

## RESUMO

Este artigo se propôs a estudar os programas de pós-graduação *stricto sensu* de Administração brasileiros, tomando como base a Teoria dos Grupos Estratégicos no intuito de identificar a existência de aglomeração entre os cursos, além de analisar se existe relação entre a estrutura curricular e o desempenho dos cursos. O método adotado para tratamento dos dados foi o Escalonamento Multidimensional e os critérios de seleção dos cursos foram estabelecidos a partir da Avaliação Trienal da Capes 2013, selecionando apenas os cursos que apresentaram desempenho satisfatório, avaliados com as notas 4, 5, 6 e 7. Os resultados encontrados indicaram existência de agrupamentos, onde foi possível verificar a maior proximidade de alguns programas em torno dos mais bem avaliados. Entretanto, constatou-se que a estrutura curricular do curso não determina o seu sucesso, visto que a similaridade identificada nas estruturas dos componentes dos grupos estratégicos não homogeneiza de maneira simétrica seu desempenho, medido por meio da avaliação da Capes. Mesmo pertencendo a grupos distintos, verificou-se que somente alcançaram indicadores de excelência internacional alguns dos cursos mais tradicionais e antigos. Portanto, recomenda-se estudos qualitativos de profundidade aos cursos mais tradicionais que sofreram redução drástica de desempenho na última avaliação, assim como verificação dos determinantes de sucesso de cursos muito recentes que já alcançaram projeção de destaque nacional.

**Palavras-chave:** Grupos Estratégicos; Administração; Escalonamento Multidimensional.

## 1 INTRODUÇÃO

As pós-graduações brasileiras apresentaram elevado nível de crescimento nos últimos anos, por várias razões, dentre elas, o interesse das pessoas em se profissionalizar para conseguir melhor colocação no mercado de trabalho, cuja exigência gira em torno de múltiplas competências como flexibilidade, criatividade, resiliência, capacidade de articulação em rede, autogerenciamento, aprendizagem (Dias, 2002) e adaptação às constantes mudanças do mundo cada vez mais competitivo. Para acompanhar o crescimento econômico do país, nas duas últimas décadas houve incentivo governamental para expansão do ensino superior. O crescimento registrado no último triênio de avaliação da Capes (2010-2012), indica que o salto foi de 3.394 cursos de pós graduação em 2007, para 5.082 em 2013 (Mercadante, 2015).

Os cursos de pós graduação em Administração se iniciaram no Brasil na década de 1970, contudo o maior nível de crescimento ocorreu a partir do ano 2000. Em 2009 existiam 136 cursos na área, sendo 30 mestrados profissionais, 77 mestrados acadêmicos e 29 doutorados, contando com 1.200 docentes permanentes vinculados (Maccari, & Nishimura, 2014). Os autores ainda ressaltam que somente no triênio 2010-2012, a oferta aumentou em 52%, quando foram criados 14 novos programas de doutorado, passando de 27 para 41.

Na mesma proporção do crescimento do mercado, se desenvolve a concorrência, isto é, quanto maior o número de instituições, maior a competição por espaço, alunos, parcerias, recursos e resultados, levando as organizações a adotarem estratégias complementares à cadeia de valor que lhes garanta destaque em relação às demais. Dessa forma, muitas delas, ao elaborar o projeto para o curso de pós-graduação tendem a seguir estratégias adotadas pelas instituições melhor conceituadas. Portanto, é bastante comum encontrar cursos com estruturas e projetos pedagógicos bastante semelhantes.

A dinâmica de mercado imposta por essas organizações pode ser analisada por uma abordagem muito eficiente na identificação de agrupamentos que usam as mesmas estratégias para garantir vantagem competitiva, os chamados Grupos Estratégicos (GE). Fiegenbaum, Sudharshan, & Thomas, 1987), afirmam que através da observação dos grupos estratégicos um pesquisador pode analisar a relação entre estratégia e desempenho de uma organização e compreender a razão pela qual algumas estratégias geram retornos positivos e outras não.

A abordagem dos grupos estratégicos já foi muito utilizada em organizações industriais, em instituições financeiras, seguradoras e outros setores em alguns países, principalmente nos Estados Unidos. No Brasil, a teoria foi pouco explorada e o estudo em instituições de educação superior de pós-graduação é inédito. O estudo da competitividade é pertinente ao mundo das pós-graduações brasileiras, já que a expansão ocorrida nos últimos anos tem provocado mudanças significativas no cenário existente. Os novos entrantes alteram a dinâmica de mercado, afetando inclusive os cursos de pós-graduação das instituições públicas, que não possuem os mesmos princípios de funcionamento ou interesses das instituições privadas, mas que competem com as demais por depender do bom desempenho para angariar recursos de agências financiadoras de projetos e bolsas de pesquisa, uma vez que os recursos recebidos da União geralmente são destinados às despesas operacionais, não sendo suficientes para reestruturação e modernização das unidades e o desenvolvimento científico-tecnológico dos cursos. Dessa forma, as organizações mais tradicionais foram forçadas a sair de seu *status quo*.

Cada instituição segue o modelo almejado considerando suas capacidades e recursos. Porter (1980), afirma que “o valor dos recursos e capacidades está intrinsecamente ligado com a estratégia”. Por mais que se faça uso do *benchmarking*, dificilmente é possível aplicar a proposta da mesma forma com os recursos disponíveis. Barney (1991) defende a existência de recursos raros, valiosos, imperfeitamente imitáveis e intransferíveis e completa que, para implementação das estratégias, faz-se necessário um determinado mix de capitais físico, humano e organizacional, além de, um importante fator essencial a todas as estratégias corporativas, o talento. Nas instituições de ensino em nível de pós-graduação cuja *core competence* é a pesquisa e produção intelectual, é nítida a supremacia do elemento humano como fator decisivo para o sucesso, onde o corpo docente influencia diretamente todas as outras dimensões do curso, como a produção científica, desenvolvimento das competências desejadas nos discentes, inserção social, geração de inovação tecnológica e patentes, fatores que aumentam a competitividade, melhoram a pontuação e geram maior visibilidade ao curso.

Para analisar o ambiente científico-acadêmico, onde também são considerados os papéis de provimento de conhecimento e progresso científico (Joghled, Enders & Salerno, 2008) foram determinados dois objetivos: o primeiro é verificar se há estratégia de aglomeração entre os cursos *stricto sensu* de Administração do Brasil e, o segundo objetivo, é analisar se existe relação entre a estrutura curricular e o desempenho do curso na avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). A contribuição teórica do estudo reside na aplicação da teoria em um contexto heterogêneo e diferenciado dos estudos anteriores, onde instituições de diferentes naturezas jurídicas (pública e privada) competem pelas melhores posições e, ao disputarem esses espaços, os programas se sujeitam às pressões institucionais de órgãos governamentais reguladores, que limitam a livre atuação e tomada de decisão de seus gestores.

Além da presente introdução, as próximas seções dividem-se em referencial teórico, procedimentos metodológicos, apresentação e discussão dos resultados e por fim, as considerações finais.

## **2 GRUPOS ESTRATÉGICOS E O DESEMPENHO NAS ORGANIZAÇÕES**

A premissa básica da teoria é que o desempenho de uma organização pode não ser decorrente apenas de sua atuação individual, mas pode ser resultado da participação em grupos estratégicos. Thomas e Venkatraman (1987) afirmam que a participação em grupos estratégicos interfere no desempenho de uma organização. Dessa forma, supõem-se que os cursos de pós-graduação brasileiros, especialmente da área da Administração, sigam modelos similares, devido à forte influência americana adotada desde o início da fundação dos cursos (Santos & Azevedo, 2009), em 1970. Portanto, a primeira hipótese sustentada nesta pesquisa é **H1**: Existe similaridade entre as estruturas pedagógicas dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Administração no Brasil.

Considerando a definição de Cool e Schendel (1987), para grupos estratégicos, que o determina como um conjunto de empresas que competem dentro de uma mesma indústria, utilizando estratégias semelhantes, tanto para domínio de mercado quanto para alocação de recursos, este estudo procura se apoiar na teoria dos grupos estratégicos para verificar o quão similares são as estratégias utilizadas pelos programas *stricto sensu* de Administração como meio para construir uma boa imagem, voltada à qualidade e confiança para conquistar mais estudantes e angariar recursos junto à agências de fomento de pesquisas e projetos. Portanto, **H2** suporta a tese de que o pertencimento a um determinado grupo influencia o desempenho do programa.

Em um resgate histórico, verificamos que a teoria dos grupos estratégicos teve sua origem na Economia da Organização Industrial, sendo Michael S. Hunt seu precursor. A tese de doutorado, realizada na Universidade de Harvard em 1972, não foi publicada (Segev, Raveh, & Farjoun, 1999), contudo, trouxe importantes contribuições no campo do estudo da competitividade empresarial. O estudo pioneiro foi realizado em indústrias de eletrodomésticos dos Estados Unidos, na chamada linha branca, com o objetivo de explicar o desempenho dessas empresas na década de 1960 (McGee & Thomas, 1986); (Roldão & Ribeiro, 2002).

Hunt instituiu o conceito de grupos estratégicos ao observar diferenças de desempenho entre agrupamentos de empresas dentro do mesmo setor. Na análise intragrupo identificou simetria referente à estrutura, diferenciação dos produtos, integração vertical, organização formal, sistemas de controle, recompensas e punições de gestão e as opiniões e preferências pessoais para vários resultados possíveis (Porter, 1980); (Thomas & Venkatraman, 1987); (Leask & Parker, 2006); (Dornier, Selmi, & Delécolle, 2012).

No ano seguinte, Howard H. Newman testou os princípios de Hunt através de análise estatística em empresas da indústria de bens de produção relacionadas com processos químicos (McGee & Thomas, 1984), demonstrando que “os lucros em uma indústria são inversamente proporcionais à complexidade da sua estrutura de grupo” (Caves & Porter, 1987, p. 252). Em 1973, Michael E. Porter estudou o tema pela primeira vez aplicando-o aos bens de consumo e o popularizou mais tarde, em 1980. No primeiro estudo usou o tamanho da empresa como variável *proxy* para determinar a participação nos grupos estratégicos, dividindo-as em empresas líderes e seguidoras (McGee & Thomas, 1984).

Em 1974, Hatten avaliou a indústria de cervejas estabelecendo a homogeneidade intragrupo e a variância entre os grupos. Patton, em 1976, usou equações simultâneas para explorar a relação entre as variáveis de desempenho, comportamento e meio ambiente (Leask & Parker, 2006). Em 1977, Hatten e Schendel aplicaram um modelo estatístico às indústrias de cerveja para medir a homogeneidade das tomadas de decisão ao longo do tempo. Todos os estudos reconheceram que as empresas dentro de uma indústria se diferem em outras dimensões e não apenas em tamanho ou participação de mercado, como afirmara Porter (Dess & Davis, 1984); (McGee & Thomas, 1986). Harrigan, em 1980, analisou sete grupos de indústrias diversas em declínio, usando a abordagem do mapeamento estratégico de Porter, separando os grupos pelas dimensões estratégicas das empresas (McGee & Thomas, 1986).

Neste mesmo ano Porter cunhou a definição mais usada para grupos estratégicos identificando-os como “grupos de empresas em uma indústria que seguem estratégia semelhante ao longo das dimensões estratégicas” (Porter, 1980, p. 129). As referidas dimensões dizem respeito ao nível de especialização, marcas, canais de distribuição, qualidade, tecnologia, integração vertical, custos, atendimento, preços, alavancagem e relacionamento interno e com o governo. Porter afirma ainda, que apesar de geralmente existir um pequeno número de grupos dentro de uma indústria, uma única empresa poderia formar um grupo, assim como todas as empresas do setor poderiam formar um único grupo estratégico. Porter ainda ressaltou as barreiras de mobilidade como empecilhos à mudança de posição estratégica.

Para Mascarenhas e Aaker (1989) *apud* Martins et al. (2010) barreira de mobilidade é conceito indissociável de grupo estratégico. É certo que existem interesses mútuos das empresas em construir barreiras, de forma a dificultar a adoção de estratégias semelhantes pelas empresas de fora, o que foi denominado pelos estudiosos de conluio. Caves e Porter (1987), ainda sustentam que diante da existência de barreira, a decisão de entrada de novas empresas na indústria é tomada sob incerteza e ciência de interdependência da conjuntura. Outrossim, defendem que as barreiras de entrada que cercam uma indústria podem ser compreendidas como patrimônio do grupo, assegurando lucratividade às empresas participantes. Sua existência também dificulta a mudança dos participantes de um grupo para outro (Mascarenhas & Aaker, 1989 *apud* Martins et al., 2010).

Sobre o conceito de grupos estratégicos, McGee e Thomas (1986) consideraram os anteriores incompletos, por analisar a empresa apenas do ponto de vista da oferta. Assim, elaboraram uma definição mais ampla, identificando-os como agrupamentos de negócios em uma indústria decorrente das barreiras de mobilidade e das barreiras de isolamento. Segundo os autores, o isolamento dos mecanismos são os fenômenos estabilizadores e defensores das posições competitivas frente às mudanças do ambiente. Na mesma perspectiva Cool e Schendel (1988), avaliaram as questões de risco e retorno centrados na questão ambiental da indústria farmacêutica americana. Revisaram a teoria de grupos sobre a relação estratégia-desempenho, constatando que as diferenças históricas entre os membros do grupo podem resultar em desempenhos diferentes. Também identificaram o sistema de distribuição como barreiras importantes ao setor.

Corroborando com os autores, Fiegenbaum e Thomas (1993) atestam que a análise dos grupos estratégicos permite analisar a competitividade e explicar a diferença de lucratividade entre as empresas de uma mesma indústria. Aplicando um estudo longitudinal à indústria de seguros americana. Os autores perceberam três grupos dominantes que se fizeram presentes durante todo o período de estudo (1970 a 84), enquanto outros emergiam ou desapareciam. A partir da verificação de um baixo nível de mobilidade entre as firmas do grupo, devido à presença de barreiras de inércia e mobilidade, atribuíram a longevidade das empresas permanentes à teoria da adaptação estratégica.

Muitos estudos internacionais foram realizados sobre a formação dos grupos estratégicos na indústria em sua fase inicial para identificar competidores e posições competitivas. Mais tarde se expandiu para outros setores da economia com o objetivo de verificar a causa da formação dos grupos e a influência sobre o desempenho e lucratividade das empresas. A partir de 1990, os estudos tem se voltado mais para as conjunturas e tomadas de decisão que afetam o posicionamento das empresas do que para a estabilidade dos grupos em que estão inseridas (Bogner, 1991, Zúñigavicente, Fuente-Sabate, & Rodriguez-Puerta, 2004) citados por (Gonzalez, Savoia, & Gouvea, 2008).

Um estudo de destaque na área da educação superior é o de Segev, Raveh e Farjoun (1999), que buscaram identificar a formação de grupos estratégicos nos 25 melhores cursos de MBA das escolas de negócios americanas, encontrando uma formação específica, onde as

cinco melhores escolas formam diferentes clusters em termos de estrutura com outras instituições. Estudo semelhante será aplicado no Brasil, nos cursos de pós-graduações, que oferecem mestrados acadêmicos e doutorados e que possuam classificação CAPES maior ou igual a 4.

No Brasil, foi encontrado um estudo sobre grupos estratégicos no ensino superior, onde foram analisadas as principais Instituições de Ensino Superior ofertantes dos cursos de graduação em Administração na cidade de São Paulo. Os autores Langrafe, Boaventura, Silva e da Silva (2009), identificaram agrupamentos no setor, ao mesmo tempo em que constataram forte influência dos órgãos reguladores do sistema educacional superior brasileiro sobre as organizações, fator que concluíram ser mais forte do que a competitividade natural entre as organizações, provocando isomorfismo no setor.

Neste estudo, para identificação dos agrupamentos dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* no Brasil, a metodologia escolhida foi o escalonamento multidimensional, por ser um método bastante eficiente para representar graficamente as similaridades existentes na relação entre as organizações estudadas. Os demais critérios metodológicos são descritos a seguir.

### **3 METODOLOGIA**

A abordagem dos grupos estratégicos foi empregada no estudo como base teórica para verificação das estratégias de planejamento e ação dos programas de Administração, viabilizada por meio da aplicação do método de Escalonamento Dimensional e critérios bem definidos para seleção da amostra.

#### **3.1 Caracterização da amostra**

A amostra é composta pelos programas de pós-graduação *stricto sensu* de Administração, área de avaliação Administração, Ciências Contábeis e Turismo, que apresentaram avaliação igual aos conceitos 4, 5, 6 e 7 pela Capes. O extrato foi retirado da Plataforma Sucupira, que foi criada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no intuito de dar suporte ao Sistema Nacional de Pós-Graduação (SNPG) e tornar as informações referentes às pós-graduações acessíveis e atualizadas.

O ranking dos melhores cursos de pós-graduação é estabelecido pela Capes através de um rígido sistema de avaliação, que inclui proposta do programa, corpo docente, corpo discente, produção intelectual e inserção social (CAPES, 2009). Os objetivos do sistema são a certificação da qualidade dos cursos e a identificação de simetrias regionais e de áreas do conhecimento. A pontuação alcançada na avaliação determina a seleção para distribuição de bolsas e recursos de fomento à pesquisa (CAPES, 2014).

Os cursos de *stricto sensu* da área de Administração possuem propostas de cursos de mestrado com dois anos de duração e cursos de doutorado com tempo de integralização mínimo e máximo que variam entre 3 e 4 anos. Os componentes curriculares variam entre obrigatórias e eletivas e apresentam um ajustamento com a área ou áreas de concentração do programa e suas linhas de pesquisa. A escolha dos componentes curriculares como variável para medir as similaridades dos cursos se deve ao fato de que estes refletem toda a estrutura de recursos, tanto de corpo docente quanto de estrutura física, materiais, equipamentos, métodos e articulações em rede, tanto internas quanto externas para a viabilização e oferta das disciplinas. Neste estudo, foram coletados os dados das disciplinas do curso de doutorado dos programas, considerando que na maior parte dos casos há diferença entre os componentes curriculares ofertados no mestrado e no doutorado do mesmo programa.

As instituições que compuseram a amostra foram todas as que possuem programas avaliados com nota 5, 6 e 7 na Avaliação trienal da CAPES de 2013. As instituições com conceito 4 passaram por uma triagem com base na região de localização, sendo que nem todas foram selecionadas. Os programas que compõem a amostra estão dispostos na Tabela 1.

Tabela 1

**Instituições ofertantes de cursos *stricto sensu* em Administração selecionadas e respectivas notas de avaliação da CAPES - Triênio 2013**

N	INSTITUIÇÃO	NOTA
1	FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/SP (FGV/SP)	7
2	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - USP	7
3	FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/RJ (FGV/RJ)	6
4	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)	6
5	UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ (UNIVALI)	5
6	UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS (UNISINOS)	5
7	UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS (UFLA)	5
8	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE (UFRN)	5
9	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)	5
10	UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL (USCS)	5
11	UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO (UNINOVE)	5
12	UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE (UPM)	5
13	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUC/RS)	5
14	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ - PUC/PR	5
15	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO - PUC/RJ	5
16	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA - UFBA	5
17	UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA - UFPB/JP	5
18	UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB	5
19	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA (UFSM)	4
20	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC/SP)	4
21	UNIVERSIDADE DA AMAZÔNIA (UNAMA)	4
22	UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - PROF JOSE DE SOUZA HERDY (UNIGRANRIO)	4
23	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ (UEM)	4
24	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO (UFPE)	4
25	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)	4
26	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)	4
27	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)	4
28	ESCOLA SUPERIOR DE PROPAGANDA E MARKETING (ESPM)	4

Fonte: CAPES (2015).

É importante ressaltar que na escala de 1 a 7, os programas que recebem notas 1 e 2 são descredenciados, ficando impedidos de continuar seu funcionamento. A nota 3 atende os padrões mínimos de qualidade exigidos para permanecer em funcionamento. A nota 4 indica bom desempenho. A nota 5 representa um programa de destaque nacional e é o máximo em que um programa que só oferece mestrado pode alcançar. A nota 6 e 7 indicam excelência e reconhecimento em nível internacional (CAPES, 2013a).

### 3.2 Coleta de dados

Na Avaliação Trienal de 2013, a população inicial era composta por 32 instituições, sendo que para fazer parte da amostra, foi estabelecido o critério de que o programa deveria possuir avaliação uniforme para mestrado e doutorado. Foram descartados programas que possuíam avaliação apenas de cursos de mestrado ou de doutorado, ou aqueles que possuíam notas distintas entre os dois cursos do programa. Os dados cadastrais dos programas e respectivas notas, assim como componentes curriculares foram coletados entre os dias 15 a 31/01/2016 no portal de consultas da Capes – Plataforma Sucupira (CAPES 2015). A organização dos dados dos cursos em relação aos componentes curriculares ofertados pode ser verificada na Tabela 2.

Tabela 2

**Instituição ofertante dos cursos *stricto sensu* em Administração e os componentes curriculares oferecidos**

Instituição	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28
FGV/SP	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1	1	1	0	1	0	0	0	1	1	0	1	1	1	0	0	1
USP/SP	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1
FGV/RJ	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	0	0	1	0	1	1	0	0
UFMG	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
UNIVALI	0	1	1	1	1	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
UNISINOS	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
UFLA	0	1	0	1	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0	1	1	1	0	1
UFRN	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	1
UFRGS	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	1	0	1	0	1	1	1	1	1	1	0
USCS	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	1	1	0	1
UNINOVE	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	1	0	1	0
UPM	0	1	1	1	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	1	1	0	0	1	1	1	0
PUC/RS	1	1	1	1	1	1	1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1	1	0	0	0	1	1	1	1	0
PUC/PR	1	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0
PUC/RJ	1	1	1	0	1	1	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	1	1	1	1
UFBA	1	1	1	1	0	1	1	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0	1	1	1	0	0	1	0	1	0	1	0
UFPB/JP	1	1	1	0	1	1	1	1	1	0	0	1	0	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	0
UNB	1	1	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	1	0	1	1	1	1	1	0
PUC/SP	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
UNAMA	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
Unigranrio	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
UEM	0	1	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
UFPE	1	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	1	0	1	0	1	1	0	1	1	1	1	0	0
UFSC	0	1	0	1	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0
UFSM	0	1	1	1	0	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	0	0
UFES	1	1	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
UFPR	1	1	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0
UFRJ	1	1	1	1	1	1	1	0	1	1	1	1	1	1	0	1	0	0	0	1	1	1	1	0	1	1	0	1
ESPM	1	1	1	0	1	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	0

**Legenda:**

- 1 Administração de Marketing
- 2 Administração Estratégica
- 3 Análises Estatísticas

- 15 Gestão de Organizações Sociais
- 16 Gestão de Sistemas e Tecnol. de Informação
- 17 Gestão do Agronegócio

4 Competitivid. e Análise Macroambiental	18 Gestão e Sociedade (Política/Filosofia)
5 Comportamento do Consumidor	19 Gestão Pública
6 Comportamento Organizacional	20 Inovação e Tecnologias
7 Governança Corporativa e Controladoria	21 Logística e Cadeias De Suprimento
8 Desenvolvim. Regional e Aglomerados	22 Modelos de Negócio
9 Economia, Produção e Mercado	23 Negócios Internacionais
10 Empreendedorismo	24 Redes e Relações Interorganizacionais
11 Ética e Responsabilidade Social	25 Teoria das Organizações
12 Finanças	26 Processo Decisório e Investimento
13 Gestão Ambiental e Des. Sustentável	27 Conhecimento e Aprendizagem Organizac.
14 Gestão de Operações	28 Mercado de Capitais e Derivativos

Os componentes curriculares foram tratados estatisticamente por Escalonamento Multidimensional para identificação dos grupos estratégicos formados pelos programas. O objetivo do escalonamento multidimensional é transformar valores similares em distâncias representadas em espaço multidimensional (Hair, Anderson, Thatham & Black, 2005). Os autores Bartholomew; Steele; Moustaki; Galbraith (2008), o definem como uma técnica de análise multivariada que visa revelar a estrutura de um conjunto de dados por pontos distribuídos entre uma ou duas dimensões. Da mesma forma Malhotra (2001), classifica o método como uma categoria de processos para representar no plano cartesiano os pontos referentes à distribuição espacial dos dados.

Para identificação dos grupos estratégicos, alguns passos são recomendados na utilização do Escalonamento Dimensional, tais como: 1. Identificação e escolha das variáveis de desempenho; 2. Coleta dos dados; e 3. Demonstração gráfica das coordenadas de forma a apresentar as similaridades e diferenças de atuação estratégica das organizações pesquisadas (Porter, 1986). O método de escalonamento usado foi o PROXSCAL, disponível no software SPSS Statistic - versão 22, por chegar a uma solução que minimiza a função de stress bruto normalizado, substituindo  $d_{ij}$  por  $\delta_{ij}$  no denominador da fórmula de Kruskal de stress tipo I. A variante de estresse mede as diferenças entre as distâncias e as disparidades dos dados (Bartholomew, Steele, Moustaki, & Galbraith, 2008).

A qualidade de ajustamento foi verificada através dos valores das medidas de stress e do  $R^2$ . O valor de stress é obtido pela fórmula I de Kruskal, que indica bom ajustamento do modelo se os valores estiverem abaixo de 0,2. O  $R^2$  indica um bom nível de ajustamento das variáveis se obtiver valor acima de 0,6, sendo tanto melhor quanto mais próximo de 1 (Malhotra, 2001).

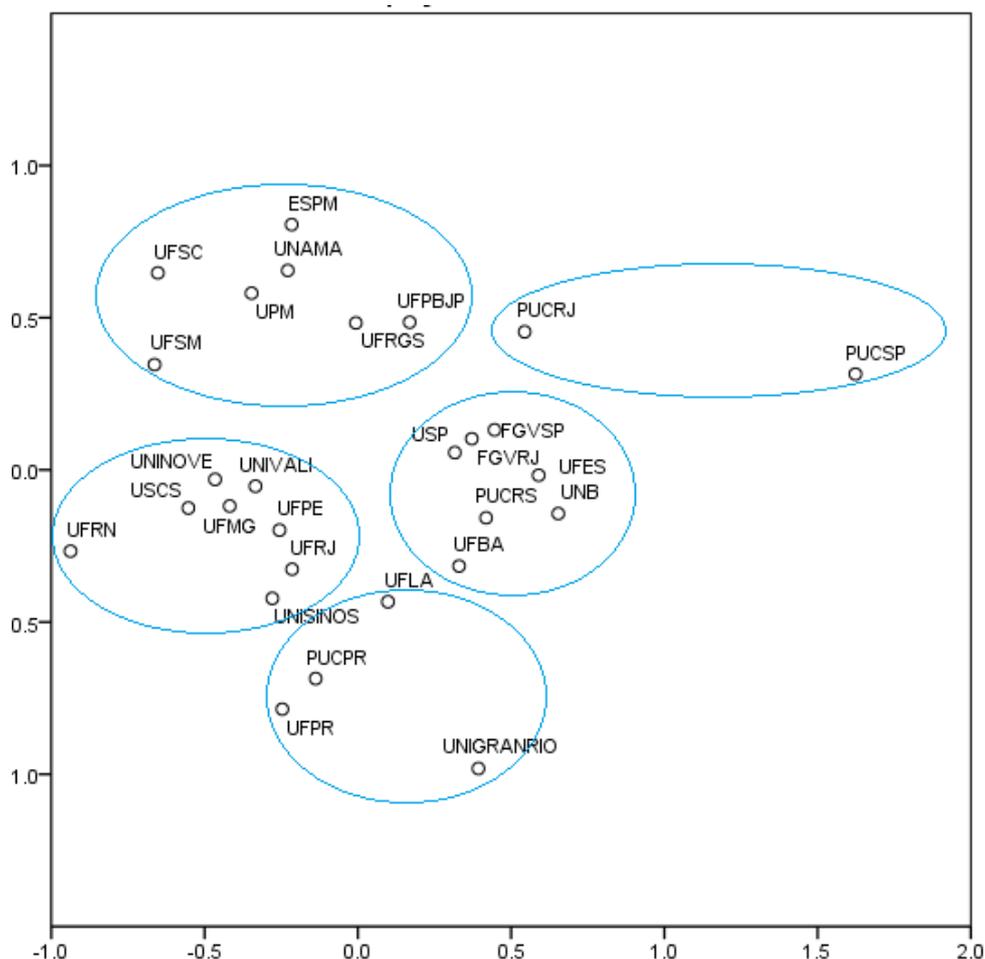
## 4 RESULTADOS

Com vistas a verificar a existência de simetrias entre os cursos e buscando identificar a organização destes em grupos estratégicos, aplicou-se método de escalonamento multidimensional – PROXSCAL. Os coeficientes encontrados foram: stress bruto normalizado = 0,1219; Stress I de Kruskal = 0,1104 e  $R^2$  0,9878, indicando bom nível de ajustamento do modelo.

### 4.1 Apresentação dos resultados

Analisando o primeiro objetivo do estudo, é possível observar que existe estratégia de aglomeração entre os programas, podendo-se perceber que alguns grupos são mais coesos e outros são formados por componentes mais dispersos. Em relação ao objetivo que procura avaliar a relação entre pertencimento a um determinado grupo e desempenho, o mesmo não pode ser confirmado, visto que os vários programas que compõem o mesmo grupo, apresentam desempenhos heterogêneos, tomando como base a nota de avaliação da Capes, a

medida de desempenho utilizada no estudo. A distribuição dos componentes curriculares dos cursos de pós-graduação em grupos estratégicos pode ser visualizada na Figura 1.



**Figura 1. Grupos Estratégicos de cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Administração**

Fonte: Dados da pesquisa.

No grupo mais coeso, estão presentes os programas da USP, FGV/SP, FGV/RJ, PUC/RS, UNB, UFES e UFBA. A maior aproximação se verifica nas três primeiras instituições, fato interessante, já que duas das três possuem os conceitos mais elevados de desempenho, a USP e FGV/SP são detentoras do conceito 7 da Capes, e a FGV/RJ possui conceito 6. Outro fato interessante é que as três se tratam de cursos antigos, fundados na década de 1970, com exceção do programa da FGV/RJ, fundado em 1967, além disso, se situam no eixo Rio-São Paulo, o centro econômico-financeiro mais importante do país. A UNB também teve seu programa fundado na década de 1970 e possui conceito 5. Os programas mais recentes do grupo pertencem à UFBA, fundada em 1983 e da UFES, em 2000 e a PUC/RS em 2006. Apesar de coeso em termos de estruturas curriculares, são distintos em termos de idade, localização, natureza jurídica e desempenho (nota de avaliação da Capes).

Da mesma forma, o segundo grupo é coeso em relação aos componentes curriculares, notando-se maior distanciamento do programa da UFRN em relação aos demais e maior coesão entre os programas da UFMG, UNINOVE, USCS e UNIVALI. Contudo, o grupo é bastante distinto em relação as demais variáveis características de cada programa, a começar pelo desempenho do programa da UFMG, que possui conceito 6 na avaliação Capes, e todos os demais possuem conceito 5, exceto UFPE e UFRJ. Dos programas mais coesos todos são

jovens – fundados a partir do ano 2000, com exceção da UFMG. Os programas mais antigos são da UFRJ e UFRN (década de 1970) e UFPE (1995).

O terceiro grupo, que possui o programa da UFRGS ao centro, é mais disperso em relação à aglomeração por componentes curriculares, mas é mais homogêneo em relação a outras variáveis características de cada programa. Há três cursos jovens com conceito 4 (ESPM, UNAMA e UFSM), e três cursos antigos da década de 1970, dois deles com conceito 5 (UFPB e UFRGS) e um deles com conceito 4 (UFSC). O programa mais diferenciado dos demais é o da UPM, com conceito 5 e ano de fundação, 1999. Neste grupo cabe destacar que o programa da UFRGS, juntamente com a USP, foi o primeiro a conquistar o conceito 7 nos cursos de Administração do Brasil. Porém, na última avaliação trienal caiu de 7 para 5.

O quarto grupo, em que está presente a UFLA é bastante disperso e heterogêneo, apresentando maior similaridade entre os currículos da UFPR e PUC/PR, que são distintas em termos de desempenho e idade. A maior similaridade entre os dois cursos é a proximidade geográfica. Por fim, o quinto grupo, não chega a formar um grupo, pois só abarca dois programas distantes entre si e com características distintas, ambos os programas foram fundados em 1970, mas possuem desempenhos diferentes, sendo conceito 5 para a PUC/RJ e conceito 4 para a PUC/SP. Além de serem um dos primeiros programas de Administração do grupo marista, outra semelhança entre os dois é que se passou muito tempo entre a fundação do programa e a instituição do doutorado em ambos, sendo 1997 e 2012 os respectivos anos de fundação.

Porem, há subgrupos dentro de cada grupo que são bastante semelhantes em relação a todas as variáveis, o que demonstra que há semelhança de estratégia adotada por vários programas e que o fato merece uma análise aprofundada.

#### **4.1 Análise e discussão dos resultados**

Partindo da definição de grupos estratégicos como um grupo de empresas que aplicam estratégias semelhantes com recursos similares (Yami & Benavent, 2000, p. 3), utilizou-se o método de escalonamento multidimensional para identificar a existência dos grupos. Com a apresentação dos dados ficou nítido que três dos cursos melhor conceituados do país utilizam estratégias similares, pois suas estruturas curriculares são muito semelhantes. Pelo grau de aproximação dos programas dentro do grupo 1 é possível inferir que o grupo formado pela USP, FGV/SP e FGV/RJ podem criar barreiras de entrada (Caves & Porter, 1977) aos concorrentes ou candidatos aos conceitos mais elevados. Essas instituições tendem a criar barreiras de maneira que os programas de outras instituições não consigam adotar estratégias semelhantes.

Da mesma forma, os quatro programas das instituições do grupo 2 podem criar barreiras de entradas aos outros programas para que não sigam estratégias semelhantes. Pelo grau de aproximação da UFMG, que hoje é um programa com nível 6 na avaliação Capes, certamente os três jovens programas do entorno – Uninove, Univali e USCS se espelham nas estratégias da primeira, com o objetivo de conquistar uma posição mais privilegiada na próxima avaliação. Portanto, a UFMG, ao mesmo tempo em que pode criar laços com esses outros programas para impedir que novos entrantes ganhem espaço, pode perceber as vizinhas de grupo como possíveis ameaças, corroborando a visão de Cool e Schendel (1987), ao afirmar que os grupos estratégicos são formados por empresas com estratégias semelhantes de atuação, mas que ao mesmo tempo competem entre si.

O fato de quatro programas de instituições antigas estarem entre os destaques internacionais brasileiros atestam que diferenças históricas entre membros de grupos podem resultar em níveis diferenciados de desempenho (Cool & Schendel, 1988). Nesse caso, é importante ressaltar que os quatro programas foram criados na década de 1970 e o da

FGV/RJ, em 1967. A Fundação Getúlio Vargas tem um histórico diferenciado dos demais programas, por se tratar da primeira escola de Administração do Brasil, e apesar de ser uma instituição privada, sempre recebeu muito apoio governamental. Certamente, a tradição da instituição e uma dinâmica própria de ação, torna seus programas difíceis de serem copiados ou imitados. Sua história se iniciou em 1954, quando foi criada, com o apoio das Nações Unidas a primeira escola de Administração Pública da América do Sul, a Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas – EBAPE, confundindo-se com a própria institucionalização do estudo de Administração no Brasil, visto que a FGV foi criada em 1944 com a finalidade de qualificar os servidores públicos brasileiros (FGV, 2016).

Entretanto, os programas da FGV não foram os primeiros a conquistar o conceito 7 da Capes. Na avaliação trienal de 2010, os programas da Universidade de São Paulo e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul alcançaram a nota máxima pela primeira vez dentre os cursos de Administração. Assim como o programa da USP, o da UFRGS também foi criado no início da década de 1970, o que significa que a premissa é válida para os cursos de pós-graduação e que os programas mais antigos têm maior probabilidade de ocupar as melhores posições. Certamente esses programas incorrem na Teoria de Adaptação Estratégica, conforme Feigenbaum e Thomas (1993) atestaram em seus estudos de grupos. Esse pressuposto é verdadeiro, ao comparar a quantidade de programas que foram criados na década de 1970 e dentre eles, existem alguns que ainda não conquistaram posição de destaque nacional, ao contrário da USP, que sempre buscou boa projeção nacional com base na credibilidade. Apesar de seus cursos de mestrado e doutorado terem sido criados em 1975, e existir a tradição e o pioneirismo, mesmo assim, sempre teve como meta ser referência.

Entretanto, é inegável que os três programas no entorno da UFMG possuem perfil competitivo agressivo. Todos foram criados a partir do ano de 2003 e conquistaram posição de destaque nacional em pouco tempo, em especial a Universidade Nove de Julho que teve seu programa criado em 2006 e, em 2010, alcançou conceito 5 para ambos os cursos, de mestrado e doutorado.

Ao analisar o terceiro grupo, pode-se verificar que não há aglomeração intensa entre os membros. A esse respeito Leask e Parker (2006), afirmam que apesar de as empresas pertencerem ao mesmo grupo estratégico, apresentam peculiaridades que as distinguem umas das outras. De fato, este é o grupo mais diversificado quanto à estrutura curricular. A ESPM é o único curso com currículo estruturado para a abordagem internacional, assim como a UNAMA possui abordagem voltada para a questão ambiental e sustentabilidade, ao passo que a UFPB possui currículo bastante amplo, assim como a UFRGS, UPM e UFSM. Apesar da UFSC possuir um currículo reduzido, é um dos programas mais antigos e possui avaliação Capes igual a 4, sendo que não superou esse nível de desempenho nas últimas três avaliações trienais.

Os currículos diferenciados dos programas novos são reflexos da pressão institucional exercida pela Capes nos últimos anos para aprovação da Apresentação de Propostas para Cursos Novos, as chamadas APCN's, haja vista que os cursos da UNAMA e ESPM foram os últimos aprovados, 2009 e 2010 respectivamente, dentre a amostra selecionada. Essa observação foi feita no estudo de Langrafe, Boaventura, Silva e da Silva (2009), que constataram forte influência reguladora do sistema educacional brasileiro sobre as organizações, comprometendo a livre competitividade e gerando certo isomorfismo entre as instituições. Portanto, a formação de grupos estratégicos pode ser reflexo da pressão externa e a necessidade dos programas elaborarem estratégias para atender às exigências pode aumentar a semelhança entre os programas.

O quarto grupo estratégico é bastante disperso e não demonstra grande proximidade entre nenhum dos membros. Trata-se de um grupo diversificado também quanto às avaliações da CAPES, destacando-se a PUC/PR e UFLA com nota 5 e a Unigranrio e UFPR com nota 4

no último triênio. A Unigranrio é o programa que mais se distancia dos demais e também é mais jovem dentre todos, tendo seu doutorado aprovado em 2013. Possui estrutura curricular bastante específica mantendo o foco voltado às regionalidades, sociedade, economia e geração de conhecimento nas organizações. O fato traz à tona novamente a discussão da diferenciação das APCN's para aprovação de novos cursos nos últimos anos. Apesar da pressão externa que molda o comportamento dos programas, a teoria dos grupos estratégicos ampara a discussão, destacando que a heterogeneidade do setor permite avaliar as diferenças entre as empresas, identificando ao mesmo tempo, certo grau de homogeneidade entre os membros de grupos estratégicos (McGee e Thomas, 1986).

Por fim o quinto grupo, formado pelos dois programas da PUC estão isolados dos demais. Inclusive, é possível observar que o comportamento das instituições do grupo marista, do qual fazem parte os programas das Pontifícias Universidades Católicas (PUC) não é uniforme. Nenhum dos programas apresenta similaridade total. Nota-se considerável diferença entre suas estruturas, a ponto de quatro dos programas analisados pertencerem a três grupos estratégicos distintos. A razão pode ser a adaptação regional, outra inferência pode se fazer a respeito de uma administração descentralizada, com certo empoderamento dos gestores das unidades de negócios para a tomada de decisões estratégicas com relação à constituição de cada programa. A época em que os cursos são fundados também pode ser um fator importante, pois observa-se boa diferença entre os anos de implantação, variando desde o início da década de 1970 até os últimos anos. Outro ponto a ser discutido é que são programas bem avaliados, com estruturas sólidas. Essa pode ser uma política interna no grupo marista, em que a decisão de fundação de um programa passe pela preparação criteriosa de uma estrutura sólida para oferecer um curso de qualidade.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente estudo se propôs a verificar a existência de estratégia de aglomeração entre os cursos *stricto sensu* de Administração do Brasil e analisar a existência de relação entre a estrutura curricular e o desempenho do curso, utilizando para tanto o método de Escalonamento Multidimensional. Cinco grupos foram identificados, demonstrando que a estratégia de aglomeração é utilizada entre os cursos, principalmente em torno dos programas mais bem conceituados. Em torno desses programas, verificou-se a aglomeração mais intensa, tanto entre os próprios programas com melhor desempenho, quanto de programas jovens e competitivos, que certamente buscam um melhor posicionamento.

A relação entre estrutura curricular e desempenho na Avaliação Trienal, a segunda hipótese do estudo, não foi comprovada através das aglomerações. Apesar de que o pertencimento a um grupo estratégico eleva o grau de homogeneidade entre as estruturas dos programas, o pertencimento a um determinado grupo não implica necessariamente em desempenho semelhante aos demais, tanto que em todos os grupos foi possível identificar programas com diferentes níveis de desempenho, além das informações de identificação como idade, natureza jurídica e localização também demonstrarem diferenças significativas.

Em relação à capacidade de adaptação ao ambiente, alguns cursos tradicionais já experimentaram certa instabilidade em relação aos seus posicionamentos estratégicos, a exemplo da UFRGS que já obteve conceito 7 e hoje possui nota 5, e a UFRJ, nota 5 que atualmente foi reduzido para 4. Todavia, no geral, os cursos melhoraram muito no aspecto qualitativo, com aumento no nível de produção científica de impacto, iniciativas de inserção internacional através de parcerias para formação de mestres e doutores no exterior, doutorados e mestrados sanduíches, e projetos e programas internacionais, sendo os maiores parceiros Estados Unidos e Europa.

Conforme esperado, a aplicação da teoria dos grupos estratégicos em um contexto tão diversificado como o dos programas de instituições do ensino superior traria à tona novos

resultados pela natureza jurídica das instituições, que foge do padrão americano de estudo em indústrias ou demais empresas da iniciativa privada. O universo das instituições de ensino superior possui características específicas, como especial necessidade de capital humano para o sucesso de implantação das suas estratégias. A esse respeito, de acordo com a teoria da *Resource Based View*, defendido por Barney (1991) em setores com elevada dependência do talento humano, como é o caso dos cursos de pós-graduação, dificilmente será possível tornar as estruturas dos cursos homogêneas em relação aos outros, uma vez que os recursos humanos são recursos mais raros, valiosos, difíceis de imitar ou de transferir. A proposta de estrutura curricular é altamente correlacionada com as competências do quadro docente. Desse conjunto depende todo o sistema do curso, implicando inevitavelmente nos resultados alcançados.

Como principal contribuição do estudo, é preciso ressaltar que o ambiente competitivo disputado pelos programas *stricto sensu* de Administração não são permeados pela livre concorrência, mas são diretamente afetados pelas pressões institucionais de órgãos reguladores do sistema educacional brasileiro. Portanto, há nítida diferenciação entre as aglomerações em relação ao período de implantação do curso. Os cursos mais antigos tinham maior liberdade para estruturar seus currículos, ao passo que quanto mais jovem o curso, maior a necessidade de se diferenciar dos demais. Estes são alguns dos reflexos das exigências quanto às propostas inovadoras das APCN's submetidas à Capes nos últimos anos.

O estudo possui algumas limitações, como o fato de utilizar apenas uma variável para medir a similaridade e grau de aproximação entre os cursos. Portanto, recomenda-se outros estudos de natureza qualitativa para aprofundamento das discussões estratégicas dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* em Administração, onde seja possível mensurar os fatores determinantes para o bom desempenho e também o uso de outras variáveis quantitativas que possam fornecer subsídios para a análise de similaridades entre os cursos.

## REFERÊNCIAS

Barney, J.B. (1991). Firm resources and sustained competitive advantage. **Journal of Management**, 17 (1), 99-120, DOI:10.1177/014920639101700108

Bartholomew, D. J., Steele, F., Moustaki, I., & Galbraith, J. I. (2008). Analysis of Multivariate Social Science Data. **Analysis of Multivariate Social Science Data**. Recuperado em 18 janeiro, 2016, de <http://www.cmm.bristol.ac.uk/team/amssd.shtml>

CAPES (2009). Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Documento de Área 2009 - Administração, Ciências Contábeis e Turismo. **Brasília: MEC/CAPES**. Recuperado em 11 janeiro, 2016, de <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/ADMIN17jun10.pdf>

CAPES (2013a). Regulamento para a avaliação trienal 2013 (2010-2012). **Brasília: MEC/CAPES**. Recuperado em 21 dezembro, 2015, de <http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/home-page/regulamento-da-trienal>

CAPES (2013b). Regulamento para a avaliação trienal 2013 (2010-2012). **Brasília: MEC/CAPES**. Recuperado em 09 janeiro, 2016, de <http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/resultados/planilha-de-notas/Planilha%20notas%20Avalia%C3%A7%C3%A3o%20Trienal%202013.xls?attredirects=0&d=1>

CAPES (2014). Sobre a Avaliação. **Brasília: MEC/CAPES**. Recuperado em 12 janeiro, 2016, de <http://www.capes.gov.br/avaliacao/sobre-a-avaliacao>

CAPES (2015). Dados cadastrais do programa - Consultas. **Brasília: MEC/CAPES**. Recuperado em 22 dezembro, 2015, de <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/listaPrograma.jsf>>. Acesso em: 22 dez. 2015b.

Caves, R. E., & Porter, M. E. (1977). From Entry Barriers to Mobility Barriers: Conjectural Decisions and Contrived Deterrence to New Competition. **The Quarterly Journal of Economics**, 91(2), 241–261. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/1885416>

Cool, K. O., & Schendel, D. (1987, setembro). Strategic Group Formation and Performance: The Case of the U.S. Pharmaceutical Industry, 1963-1982. **Management Science**, 33 (9), 1102–1124. Retirado de <http://www.jstor.org/stable/2631877>

Cool, K., & Schendel, D. (1988). Performance differences among strategic group members. **Strategic Management Journal**. 9 (3), 207-223. DOI: 10.1002/smj.4250090302

Dias, T. M. C. (2002). Inovações no processo de ensino aprendizagem da Administração: interdisciplinaridade x interdisciplinaridade. Recuperado em 13 janeiro, 2016, de [http://www.angrad.org.br/\\_resources/files/\\_modules/producao/producao\\_744\\_201212051834228e9c.pdf](http://www.angrad.org.br/_resources/files/_modules/producao/producao_744_201212051834228e9c.pdf).

Dess, G. G., & Daves, P. S. (1984). Porter's (1980) Generic Strategies as Determinants of Strategic Group Membership and Organizational Performance. **The Academy of Management Journal**, 27 (3), 467–488. Recuperado de [http://links.jstor.org/sici?sici=0001-4273\(198409\)27:3<467:P\(GSAD\)>2.0.CO;2-U](http://links.jstor.org/sici?sici=0001-4273(198409)27:3<467:P(GSAD)>2.0.CO;2-U)

Dornier, R., Selmi, N., & Delécolle, T. (2012). Strategic Groups Structure, Positioning of the Firm and Performance: A Review of Literature. **International Business Research**, 5(2), 27–40. DOI: <http://doi.org/10.5539/ibr.v5n2p27>

Fiegenbaum, A.; & Thomas, H. (1993). Industry and strategic group dynamics: competitive strategy in the insurance industry, 1970-84. **Journal of Management Studies**, 30 (1), 69-105. DOI: 10.1111/j.1467-6486.1993.tb00296.x

Fiegenbaum, A., Sudharshan, D. & Thomas, H. (1987), The concept of stable strategic time periods in strategic group research. **Managerial and Decision Economic**, 8: 139–148. DOI: 10.1002/mde.4090080208

FGV (2016). Fundação Getúlio Vargas. Regulamento. Recuperado em 16 fevereiro, 2016, de [http://sv.www5.fgv.br/fgvonline/esmpu/docs/regulamento\\_esmpu.pdf](http://sv.www5.fgv.br/fgvonline/esmpu/docs/regulamento_esmpu.pdf)

Gonzalez, R. B., Savoia, J. R. F., & Gouvêa, M. A. (2008). Grupos estratégicos bancários: uma abordagem transversal multivariada para o problema da segmentação dos bancos no Brasil. **RAM. Revista de Administração Mackenzie**, 9 (7), 11-40. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-69712008000700002>

Hair, J. F. Jr, Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). Análise multivariada de dados. Tradução: Adonai Schlup Sant'Anna e Anselmo Chaves Neto. 5 ed. Porto Alegre, **Bookman**.

Langrafe, Boaventura, Silva e da Silva (2009). Grupos Estratégicos: um estudo dos cursos de graduação em Administração na cidade de São Paulo. **RIAE. Revista Ibero-Americana de Estratégia**. 8 (1), 78-101.

Leask, G., & Parker, D. (2006). Strategic group theory: review, examination and application in the UK pharmaceutical industry. **Journal of Management Development**, 25(4), 408–441. DOI: <http://doi.org/10.1108/02621710610655846>

Maccari, E. A.; & Nishimura, A. T. (2014). Povoamento dos estratos conceitos 6 e 7 no Sistema de avaliação aa Capes pela área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo nas Avaliações Trienais 2010 E 2013. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 20, n. 3, p. 601–624. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.0442014.50134>

Malhotra, N. K. (2001). Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada. 3. ed. Porto Alegre: **Bookman**.

Martins, T., Cruz, J., Kato, H., Silva, W., & Silva, E. (2010). Análise de grupos estratégicos e desempenho na indústria de bancos comerciais no Brasil . **Revista de Contabilidade e Organizações**, 4(9), 100-125. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/rco.v4i9.34769>

Mcgee, J.; & Thomas, H. (1984). Strategic Groups: A Useful Linkage Between Industry Structure and Strategic Management? University of Illinois Urbana-Champaign. Faculty Working Paper N. 1100. Recuperado em: <http://www.archive.org/details/strategicgroupsu1100mcge>

Mcgee, J.; & Thomas, H. (1986). Strategic Groups: Theory, Research and Taxonomy. **Strategic Management Journal**, 7 (2), 141–160. Recuperado em: [http://links.jstor.org/sici?sici=0143-2095\(198603/04\)7:2<141:SGTRAT>2.0.CC\);2-C](http://links.jstor.org/sici?sici=0143-2095(198603/04)7:2<141:SGTRAT>2.0.CC);2-C)

Mercadante, A. (2013). Avaliação Trienal 2013 - Resultados CAPES. Recuperado em 12 janeiro, 2016 de <http://www.avaliacaotrienal2013.capes.gov.br/resultados/planilha-de-notas>

Porter, M. E. (1980). Competitive strategy: Techniques for analyzing industries and companies. New York: Free Press. Recuperado em <http://www.vnseameo.org/ndbmai/CS.pdf>

Porter, M. E. (1986). Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência. Rio de Janeiro: **Campus**.

Roldão, V. S., & Ribeiro, J. S. (2002). Grupos Estratégicos: uma ferramenta estratégica. XII Jornadas Luso-Espanholas de Gestão Científica na Universidade da Beira Interior. **Anais**. 1–10. Lisboa. Recuperado em 12 dezembro 2015, em [http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4231/1/Grupos\\_Estrategicos\\_-\\_uma\\_ferramenta\\_estrategica\\_2002.pdf](http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/4231/1/Grupos_Estrategicos_-_uma_ferramenta_estrategica_2002.pdf)

Santos, A. L. F., & Azevedo, J. M. L. (2009). A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional: os contornos da constituição de um campo acadêmico. **Revista Brasileira de Educação**, 14 (42), 534–550.

Segev, E., Raveh, A. and Farjoun, M. (1999), Conceptual maps of the leading MBA programs in the United States: core courses, concentration areas, and the ranking of the school. **Strat. Manag. Journal.**, 20 (1), 549–565. DOI: 10.1002/(SICI)1097-0266(199906)20:6<549::AID-SMJ39>3.0.CO;2-F

Thomas, H., & Venkatraman, N. (1987). Research on Strategic Groups: Progress and Prognosis. Sloan Working Paper #1857-87. **Cambridge-Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology.** Recuperado em 10 dezembro 2015 de <http://dspace.mit.edu/bitstream/handle/1721.1/48906/researchonstrate00thom.pdf?sequence=1>

Thomas, H., & Venkatraman, N. (1988). Research on strategic groups: progress & prognosis. **Journal of Management Studies**, 25(6), 537-555. DOI: <http://dx.doi.org/10.1111/j.1467-6486.1988.tb00046.x>

USP (2016). Universidade de São Paulo. História do Departamento. Recuperado em 16 janeiro, 2016, de <https://www.fea.usp.br/administracao/historia-do-departamento>

UFRGS (2016). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Resultado do Recurso CTC Avaliação Trienal 2013. Recuperado em 16 janeiro, 2016, de <http://www.ufrgs.br/escoladeadministracao/wp-content/uploads/2014/06/CAPES-Resultado-Recurso-CTC-avaliacao-trienal-2013.pdf>

Yami, S., & Benavent, C. (2000). Rivalité et groupes stratégiques : une revue de la littérature et un cadre d'analyse, 27.